

A máscara da Morte Vermelha

Edgar Allan Poe



Conteúdo exportado da Wikisource em 7 de julho de 2021

A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA.



A "Morte Vermelha" devastava o país havia muito tempo. Nenhuma peste anterior havia sido tão fatal ou hedionda quanto ela. A Morte Vermelha apresentava o sangue como seu avatar e sua marca - a vermelhidão e o horror do sangue. Os infectados demonstravam dores agudas, tonturas repentinas e, depois, sangramento abundante por seus poros, seguidos pela decomposição. As manchas vermelhas pelo corpo e, especialmente, no rosto da vítima, marcavam-na de tal forma que afastava a ajuda e a simpatia de seus semelhantes. E a irrupção, progresso e término da doença era um processo que não ultrapassava meia hora.

Mas o príncipe Próspero era feliz, desafiador e sagaz. Quando seus domínios começaram a despovoar-se pela Morte Vermelha, ele decidiu convocar à sua presença mil amigos, saudáveis e alegres, dentre todos cavaleiros e damas de sua corte. Com eles retirou-se para o isolamento de uma de suas abadias casteladas. Esta abadia era uma

estrutura extensa e magnífica, criada de acordo com o gosto excêntrico e augusto do príncipe, cercada por um muro forte e elevado e com portões de ferro em suas entradas. Os cortesões trouxeram fornos e grandes martelos, soldando os parafusos dos portões, de modo a não deixar entrar aqueles que estivessem fora e não deixar sair aqueles que estivessem dentro. A abadia foi plenamente provisionada e, com tais precauções, os cortesões poderiam evitar o contágio. O mundo externo deveria cuidar de si mesmo. Enquanto isso, era tolice lamentar ou pensar, pois o príncipe fornecera todos os recursos para diversão: bufões, improvisadores, bailarinos, músicos, beleza e vinho. Tudo isso e a segurança estavam dentro. Fora estava a "Morte Vermelha".

No final do quinto ou sexto mês de reclusão a peste grassava ainda mais furiosamente no exterior e o príncipe Prospero decidiu entreter seus mil amigos com um baile de máscaras da mais extraordinária magnificência.

Era uma cena voluptuosa aquele baile de máscaras. Mas, primeiro, deixe-me falar das salas em que o baile foi realizado. Eram sete suítes imperiais. Em muitos palácios essas suítes são ordenadas de forma a constituir uma vista longa e reta, de modo que quando as portas são abertas, é possível obter ver toda a extensão. Aqui o caso era muito diferente, como era de se esperar do amor do príncipe pelo bizarro. As salas eram tão irregulares que a visão alcançava apenas um pouco de cada vez: havia uma curva acentuada a

cada vinte ou trinta metros e a cada curva um novo efeito. À direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma janela gótica alta e estreita dava para um corredor fechado que seguia a sinuosidade da sala. Essas janelas eram vitrais cuja cor variava de acordo com o tom predominante das decorações da câmara em que se abriam. A primeira sala, isto é, aquela da extremidade oriental, por exemplo, era azul, e suas janelas conseqüentemente eram vividamente azuis. A segunda câmara era roxa em seus ornamentos e tapeçarias, e as janelas eram roxas. A terceira era verde por toda parte e as armações dos vitrais também. A quarta era mobiliada e iluminada com laranja - a quinta com branco - e a sexta com violeta. O sétimo salão estava envolto em tapeçarias de veludo preto penduradas por todo o teto e pelas paredes, caindo em dobras pesadas sobre um tapete do mesmo material e cor. E, apenas nesta câmara, a cor das janelas não correspondia às decorações: os painéis eram escarlates - cor de sangue profundo. Em nenhuma das sete salas havia lâmpada ou candelabro pendendo do teto ornamentado a ouro. Não havia nenhuma luz emanando de lâmpadas ou velas dentro do conjunto de câmaras. Mas nos corredores que seguiam a suíte, em frente a cada janela, havia um tripé pesado, com um braseiro de fogo, que projetava seus raios através do vidro colorido e iluminava cintilante a sala. E assim foram produzidas uma infinidade de exuberantes aparências fantásticas. Mas, na última sala, a negra, o efeito da luz do fogo fluindo sobre as cortinas escuras através das vidraças manchadas de sangue era horrível ao extremo, produzindo terror sobre os semblantes

daqueles que entravam, de maneira que poucos foram ousados o suficiente para entrar.

Nesta mesma sala contra a parede ocidental, estava um relógio gigantesco de ébano. Seu pêndulo oscilava de um lado para o outro com um ruído monótono; pesado e monótono. Quando o ponteiro dos minutos realizava uma volta completa e a hora deveria ser marcada, o bronze do relógio produzia um som nítido, alto e profundo, extremamente musical, mas de ênfase e timbre tão peculiares que, a cada intervalo de hora, os músicos da orquestra viam-se constrangidos a interromper momentaneamente a execução para escutar o som, cessando as valsas e desconcertando brevemente aos foliões. Enquanto os sinos tocavam, os mais afoitos empalideciam, e os mais idosos e calados passavam as mãos sobre as sobrancelhas, confusos em devaneios ou meditações. Mas quando os ecos cessavam completamente, uma leve risada invadia a assembléia; os músicos se entreolhavam e sorriam como se estivessem nervosos e loucos, e faziam votos sussurrantes, um para o outro, de que o próximo toque do relógio não produziria emoção semelhante. Após sessenta minutos (que possuem três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa), chegava outro toque do relógio e o mesmo desconcerto, tremulação e meditação de antes.

Apesar disto, era uma festa alegre e magnífica. Os gostos do príncipe eram peculiares. Ele tinha um bom olho para cores e efeitos. Ele desconsiderou as decorações da mera

moda. Seus planos eram ousados e ardentes, e suas concepções brilhavam com de forma bárbara. Há quem o achasse louco. Seus seguidores sentiram que ele não era. Era necessário ouvir, ver e tocá-lo para ter certeza de que não estava.

Ele havia dirigido, em grande parte, a decoração das sete salas para esta grande festa e também escolheu as fantasias dos mascarados. Elas eram grotescas. Havia muito brilho, muita pompa e elementos fantásticos - muito do que foi visto em "Hernani". Havia figuras arabescas com membros e adornos inadequados. Havia fantasias delirantes, como as modas loucas. Havia muita coisa bonita, muita coisa devassa, muito coisa bizarra, coisas terríveis, e não pouco daquilo que pode ser considerado nojento. De um lado para o outro nas sete salas havia, de fato, uma multidão de sonhos. E esses - os sonhos - se contorciam, tirando tonalidades das salas e fazendo com que a música selvagem da orquestra parecesse o eco de seus passos. Mas logo cantava o relógio de ébano na sala aveludada. Por um momento, tudo ficava quieto e silencioso, exceto a voz do relógio. Os sonhos estão congelavam-se como estavam. Mas os ecos da relógio desapareciam - eles duravam apenas um instante - e uma risada leve e moderada os acompanhava. E agora novamente a música reiniciava, e os sonhos viviam, e se contorciam mais e mais alegremente do que nunca, tomando tonalidade das muitas janelas coloridas através das quais fluíam os raios dos tripés. Mas para a sala que fica mais a oeste das sete, nenhum dos mascarados se

aventurava; porque, conforme avançava a noite, a luz filtrada pelos vidros cor de sangue ficava mais vermelha; e a escuridão acessórias da cortina causavam medo. Aqueles cujos pés pisassem o tapete veludoso ouviriam o som abafado do relógio, e o ouviriam mais solenemente enfático que os convivas dos demais salões.

Mas as outras salas estavam densamente lotadas e neles pulsavam o coração da vida. E a festa continuou girando, até que finalmente começou o som da meia-noite no relógio. E então a música cessou, como já disse; e as evoluções das valsas foram acalmadas; e houve uma cessação desconfortável de todas as coisas como antes. Mas agora havia doze toques a serem tocados pela campainha do relógio; e assim aconteceu, talvez, que mais pensamentos se infiltrassem, com mais tempo, nas meditações dos pensadores entre os que se deleitavam. E assim também aconteceu, talvez, que antes das últimas batidas, muitos indivíduos na multidão notaram a presença de uma figura mascarada, que não havia chamado a atenção antes. E o boato dessa nova presença se espalhou como murmúrio, expressivo de desaprovação e surpresa - então, finalmente, de terror, de horror e de repulsa.

Numa assembleia de fantasmas, como eu pinteí, é de se supor que nenhuma aparência comum poderia ter excitado tal sensação. Na verdade, a liberdade do baile de máscaras da noite era quase ilimitada; mas a figura em questão ultrapassara em extravagância a [Herodes](#) e excedia os

limites do decoro indefinido do príncipe. Existem acordes no coração dos mais imprudentes que não podem ser tocados sem emoção. Mesmo com os totalmente perdidos, para quem a vida e a morte são igualmente brincadeiras, há assuntos dos quais nenhuma brincadeira pode ser feita. De fato, toda a corte parecia agora sentir profundamente que, no figurino e no comportamento do estrangeiro, não havia inteligência nem propriedade. A figura era alta e magra, envolta da cabeça aos pés com uma mortalha. A máscara que ocultava o rosto era tão parecida com o rosto de um cadáver enrijecido que o escrutínio mais próximo deveria ter tido dificuldade em detectar a trapaça. E, no entanto, tudo isso poderia ter sido suportado, e até aprovado, pelos foliões loucos ao redor. Mas o mascarado chegou ao ponto de disfarçar-se da Morte Vermelha. Sua vestimenta estava envolvida em sangue - e sua testa larga, com todas as características do rosto, estava manchada pelas marcas vermelhas.

Quando os olhos do príncipe Próspero viram essa imagem espectral (que, com um movimento lento e solene, para manter seu papel, andava de um lado para o outro entre as valsas), ele convulsionou-se, no primeiro momento com um tremor forte de terror ou aversão; mas, no próximo, sua testa ficou vermelha de raiva.

“Quem ousa?” ele exigiu com voz rouca dos cortesões que estavam perto dele - “quem ousa nos insultar com essa zombaria blasfema? Agarrem-no e desmascarem-no - para

que saibamos a quem deveremos enforcar ao nascer do sol!”

Foi na sala oriental, ou azul, em que estava o príncipe Prospero enquanto pronunciava essas palavras. Elas ecoaram nas sete salas, de forma alta e clara - pois o príncipe era um homem ousado e robusto, e a música ficou abafada com o aceno de sua mão.

Foi na sala azul, onde estava o príncipe, com um grupo de cortesões pálidos ao seu lado. A princípio, enquanto ele falava, houve um ligeiro movimento desse grupo na direção do intruso. Este, que estava próximo, e com passo deliberado e imponente, aproximava-se mais do interlocutor. Mas, não foi encontrado ninguém que estendeu a mão para agarrá-lo; de modo que, desimpedido, ele passou a um metro da pessoa do príncipe; e, enquanto a vasta assembléia, como se com um único impulso, se retraísse do centro das salas para as paredes, ele seguiu ininterruptamente com o mesmo passo solene e medido, através da câmara azul para o roxo - através do roxo para o verde - através do verde para a laranja - através disso novamente para o branco - e mesmo daí para o violeta sem ninguém para detê-lo. Foi então, no entanto, que o próprio Próspero, enlouquecido de raiva e com vergonha de sua covardia momentânea, correu às pressas pelas seis câmaras, enquanto ninguém o seguia. Ele carregava uma adaga desembainhada e se aproximou, em rápida impetuosidade, da figura em retirada, quando esta última ao atingir a

extremidade do sala de veludo, virou-se repentinamente e confrontou o perseguidor. Houve um grito agudo - e a adaga caiu brilhando sobre o tapete de [zibelina](#), sobre o qual, imediatamente depois, caiu prostrado e morto o príncipe Prospero.

E agora foi reconhecida a presença da Morte Vermelha. Ela veio como um ladrão da noite. E, um por um, largou os foliões nos salões cobertos de sangue, cada um morrendo na postura desesperadora de sua queda. E a vida do relógio de ébano terminou com a do último dos foliões. E as chamas dos tripés expiraram. E a Escuridão, a Decadência e a Morte Vermelha tinham alcançado o domínio ilimitado sobre tudo.

Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),^[1] biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#)^[2] ou da [GNU FDL](#),^[3] à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).^[4]

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Ozymandias
- Inductiveload

-
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
 2. [↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
 3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
 4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)